

Você no mercado de trabalho

Marcelo Neri

Economista-Chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV
(marcelo.neri@fgv.br)

A analogia do investimento em capital humano com os outros tipos de investimento usada na literatura econômica sobre educação é procedente. É verdade que ativos reais, ou financeiros, não ficam desempregados, muito menos têm filhos, ou se aposentam, mas a comparação dos retornos é válida. Ao fim e ao cabo temos de colocar nossos ovos em alguma cesta, seja de produtos financeiros, seja na educação nossa de cada dia. Municiamos os jovens com este tipo de abordagem de retorno do investimento em educação.

A juventude é aquela fase da vida algo intermediária, marcada por tons de cinza, situada na transição da criança para o mundo adulto, idealmente do estudo ao trabalho. Por exemplo, aos 13 anos de idade, que em algumas culturas marcam um ritual de passagem para adolescência (ex.: *teenagers* nos EUA), a proporção que frequenta a escola é de 97% caindo para 74% aos 17 anos, quando sofre uma aceleração caindo para 53% já aos 18 anos de idade, e daí cai mais lentamente até atingir 10% aos 30 anos de idade. A proporção de pré-adolescentes que trabalham segue o sentido inverso, indo de 10% aos 13 anos de idade para 37% aos 17 anos, quando sofre uma desaceleração no crescimento ascendendo para 54% já aos 18 anos de idade e daí cresce mais lentamente até atingir 74% aos 30 anos de idade.

Agora como muda o desempenho no mercado de trabalho em épocas mais tardias do ciclo da vida? A taxa de ocupação cresce à medida que caminhamos a níveis mais altos de idade, atingindo o pico aos 42 anos (79,95%), tornando-se decrescente. Em termos de salário, o pico é de R\$ 1.307 atingido por aqueles com 53 anos de idade, conforme o gráfico.

Como vimos a juventude tal como determinada pela política pública no Brasil é uma fase de ascensão econômica. Agora qual é a opinião das pessoas acerca do seu respectivo trabalho em diversas etapas do ciclo de vida? Dados de pesquisa inédita nossa do Centro de Políticas



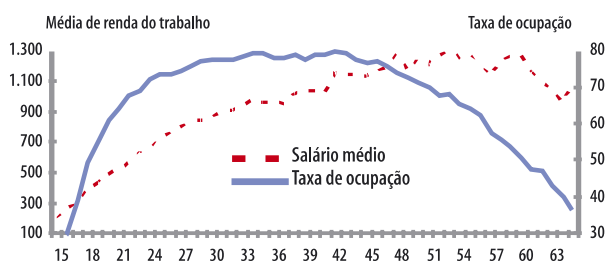
Sociais feita para o Banco Inter-Americano de Desenvolvimento (BID) utilizando dados do Gallup World Pool em 2007. Esta pesquisa contém perguntas sobre as atitudes individuais acerca de vários aspectos subjetivos da vida incluindo percepções relativas ao trabalho. A satisfação pessoal do indivíduo relativa ao seu próprio trabalho indica que o pico da satisfação profissional nos países das Américas coincide com o período onde as chances de ocupação e os salários são maiores. Ela sai de cerca de 10% aos 15 anos atingindo um patamar de 50% em torno do final da juventude e se mantém neste patamar pelos próximos 25 anos quando, aos 54 anos, começa a declinar voltando a atingir os patamares de 10% na fase final da vida.

O Brasil figura no 40º lugar no ranking mundial de satisfação profissional entre 128 países e é o 52º no ranking de PIB *per capita* ajustado por diferenças de custo de vida. Os líderes do ranking são Kuwait, Dinamarca, Nova Zelândia, Canadá e Holanda. Os últimos do ranking de satisfação com o trabalho são: Chad, Malawi, Armênia, Geórgia e Mali com destaque inesperado para países ex-socialistas, não tão pobres, mas ainda assim com baixa percepção de qualidade do trabalho.¹

Prêmios da Educação — O impacto da escolha individual a ser analisado se refere às mudanças observadas na inserção do mercado de trabalho. Olhamos agora o retorno do indivíduo mediante a análise do impacto do ensino da pessoa se ocupar e ao salário obtido no trabalho principal. Há uma clara correlação entre a hierarquia educacional e a trabalhista (leia-se ocupação e salários). Exemplo: indo desde os R\$ 392 de salário (salário-hora) dos analfabetos até os R\$ 4.455 de salário daqueles com 18 anos ou mais de estudo (os que já freqüentaram a pós-graduação). Similarmente, a taxa de ocupação entre os extremos do espectro educacional sobe de 59,8% para aqueles que nunca passaram de um ano de estudo, até 90,73% daqueles com 18 anos ou mais de estudo.

Analisando na ótica da taxa de retorno hoje na população em idade ativa, o crescimento do salário chega a 15,07% por cada ano adicional de estudo e a taxa de ocupação cresce 3,38%. O que impressiona nesses dados é a regularidade do ranking com que cursos de nível mais alto apresentam melhor inserção trabalhista. O crescimento varia bastante ao longo da trajetória de acumulação educacional. No primeiro ano acumulado, o salário sobe 6,88% ao ano, crescimento bem inferior ao apresentado por aqueles que já têm 16 anos de estudo e acumulam mais um (19,24%). Em termos ocupacionais, a taxa cresce 13,98% ao ano no primeiro ano contra 5,02% no último.

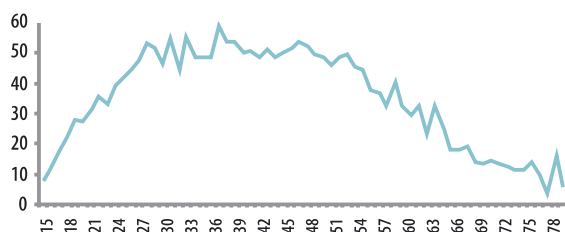
Mercado de trabalho e ciclo da vida (2007)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE.

Satisfação profissional e idade

Você está satisfeito com o trabalho que faz?
% Sim por idade — Países da América



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll — 2007.
Projeto CPS/FGV junto ao BID.

O Brasil é o 40º país no ranking mundial de satisfação profissional numa amostra de 128 países. E é o 52º no ranking com base no PIB *per capita* ajustado por diferenças de custo de vida

Rankings construídos a partir da PNAD permitem ter uma visão geral do mercado de trabalho dos brasileiros diante das principais ocupações em termos de salário. As maiores quantias são recebidas por aqueles com nível superior. Os destaques são: juízes e desembargadores (R\$ 13.956), diretores gerais (R\$ 7.371) e médicos (R\$ 7.029). Quando analisamos os jovens de 22 a 29 anos de idade, os médicos (R\$ 3.264) assumem a liderança. Note também o bom desempenho em termos de salário e dos jovens analistas de sistemas que sobem para a quarta posição no ranking (R\$ 2.465), ou seja, refletindo os avanços tecnológicos: profissões de jovens mais ligadas à tecnologia têm boas chances de conseguir bons empregos. Em termos de horas trabalhadas os destaques na população dos ocupados são: trabalhadores na navegação (51,88 horas semanais), condutores de veículos sobre rodas — distribuidores (51,73 horas) e médicos (51,57 horas).²

Desconstrução trabalhista — Diversas são as variáveis que caracterizam a *performance* trabalhista de um indivíduo, aí incluindo ingredientes trabalhistas clássicos como escolaridade, retorno da educação, jornada, ocupação e participação. Uma dificuldade é a integração destes diversos componentes num arcabouço comum. Pois sempre estamos comparando laranjas com bananas. Isto é, medidas baseadas em diferentes unidades como horas, com unidades monetárias e frações etc. Propomos aqui uma nova metodologia que mapeia os impactos da evolução de cada um dos principais ingredientes trabalhistas em termos do total de renda auferida individualmente pelos jovens e pelo conjunto de trabalhadores. A decomposição trabalhista aqui proposta constitui uma espécie de metodologia Lego — o brinquedo de montar — explicando os pedaços das mudanças de renda do trabalhador brasileiro. Esta metodologia simples e direta é aplicada à nova PNAD.

Em seguida aplicamos o mesmo exercício anterior num intervalo maior de tempo para propiciarmos uma visão de prazo mais longo. Os dados revelam que o desempenho dos jovens foi inferior, mas próximo ao apresentado pela PIA, ou seja, o crescimento anual da renda entre 1992 e 2007, atingiu 1,39% ao ano nos jovens de 22 a 29 anos contra 1,84% ao ano na PIA. Olhando para cada um dos componentes, a variação relativa do salário foi menor para os jovens (0,83% contra 1,3% da PIA), enquanto que a taxa de ocupação foi ligeiramente superior (0,45% contra 0,34%).

A distinção sobre o que impacta a renda é particularmente relevante. Por exemplo: aposto que entre uma duplicação de salário resultante de dobrar a carga de trabalho e outras onde as horas ficam paradas (e, portanto, o salário-hora cai

Diversas são as variáveis que caracterizam a *performance* trabalhista de um indivíduo, aí incluindo ingredientes trabalhistas clássicos como escolaridade, retorno da educação, jornada, ocupação e participação

à metade), a maioria das pessoas vai preferir o primeiro. Similarmente, aumentar a renda por que aumentou a escolaridade reflete a recuperação de um investimento em educação. Como veremos, o prêmio da educação no Brasil não só caiu porque aumentou a oferta na expansão educacional que se acelera a partir de 1995, como ele cai mais que o aumento da oferta, o que é até certo ponto surpreendente, refletindo a estagnação trabalhista pós 1997.

Neste exercício decomparamos a renda (incluindo outras fontes não-trabalhistas) do jovem em diferentes pedaços a fim de analisar o impacto de cada componente no total. Ou seja, é possível estimar a renda total do jovem como resultado de um conjunto de fatores (salário, educação, retorno educacional, ocupação, participação no mercado de trabalho e da complementação de outras fontes de renda como aquelas advindas de programas sociais). Cada um destes fatores impacta de diferente forma a renda total observada. O esquema abaixo reúne as variáveis utilizadas (colunas do panorama):

Apresentamos abaixo a aplicação desta decomposição no âmbito nacional para todo período de análise da PNAD. Conforme já vimos anteriormente, houve um aumento da renda média auferida individualmente por cada jovem que passa de R\$ 432 para R\$ 531 no período, um aumento de pouco mais de 1,39% por jovem. Agora, o que explica esta variação de renda? Em primeiro lugar, e mais importante, os fatores expansionistas ligados ao nível de escolaridade de 2,21%. (passa de 6,9 anos completos de estudo em 1992 para 9,6 em 2007) E, em segundo, os fatores contracionistas associados à deterioração da capacidade de cada jovem ocupado transformar esta maior educação em renda trabalhista de -1,19% ao ano. Isto quer dizer que se tudo mais ficasse constante (retorno, jornada, ocupação, outras rendas, etc.), a renda do jovem deveria ter subido 2,21% ao ano neste período. Entretanto, a redução do prêmio educacional, fruto da estagnação trabalhista, roubou parte desse ganho. Ou invertendo a análise: se a quantidade de educação do

Impactos trabalhistas da educação (2007)

Anos de estudo completo	Taxa de ocupação	Salário trabalho principal	Jornada semanal	Salário-hora	Relação com	
					Chance de ocupação*	Prêmio salarial*
ed_0	59,85	392,14	37,81	2,42	1,00	0,00
ed_1	65,72	417,48	38,59	2,52	1,23	4,66
ed_2	64,86	451,27	38,45	2,74	1,21	8,82
ed_3	65,48	509,52	39,03	3,05	1,28	18,72
ed_4	66,00	611,75	40,20	3,55	1,33	32,27
ed_5	65,67	582,60	40,89	3,32	1,41	40,44
ed_6	60,16	586,53	40,70	3,36	1,30	49,29
ed_7	58,56	612,33	40,65	3,51	1,40	58,40
ed_8	62,20	717,11	41,45	4,04	1,48	68,85
ed_9	53,13	566,04	39,02	3,38	1,52	75,37
ed_10	56,67	637,33	40,08	3,71	1,43	83,97
ed_11	73,29	910,09	41,83	5,08	2,18	128,69
ed_12	71,35	1.083,35	38,45	6,57	2,28	178,68
ed_13	74,42	1.293,94	38,40	7,86	2,41	213,43
ed_14	77,73	1.413,62	36,92	8,93	2,87	241,23
ed_15	83,58	2.194,54	38,29	13,37	4,29	363,45
ed_16	85,40	3.247,41	39,81	19,03	4,28	501,35
ed_17	86,55	3.451,84	37,61	21,42	4,80	570,15
ed_18	90,73	4.454,69	38,06	27,31	7,67	694,76

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD 2007/IBGE.

jovem não tivesse aumentado e tudo mais ficasse constante, a renda do jovem teria contraído a taxa de -1,19% ao ano por conta desta redução do retorno da educação fruto da estagnação trabalhista.³

Houve uma redução da jornada de trabalho de -0,17% ao ano correspondente à queda de 43,6 horas semanais em 1992 para 42,6 em 2007. Apesar da onda demográfica jovem que adentra a estrutura etária brasileira neste período mais longo de 1992 a 2007, os deslocamentos ocupacionais acumulados são ainda menos expressivos: a taxa de participação sobe 0,36% ao ano e a taxa de ocupação sobe 0,09% ao ano. Finalmente, há uma tendência expansionista de outras fontes de renda, em particular aquela provinda de programas sociais de 0,12% ao ano que, isoladamente, explicariam o crescimento acumulado da renda do jovem. Em suma: os grandes fatores de mudança educacionais associados são o aumento da quantidade de educação e a redução do prêmio obtido por cada unidade de anos de estudos completada. Como estes efeitos se cancelam entre si em boa medida, há uma estagnação da renda trabalhista percebida por cada jovem.

O Índice-Você, carro-chefe da pesquisa, busca informar ao cidadão comum acerca de suas decisões de trabalho e estudo à luz dos retornos medidos no mercado de trabalho através de microdados de pesquisas recentes, aí incluindo a última



**15 a 65 anos
População total**

Categoria	Ano	Renda de todas as fontes =	Renda de todas as fontes / renda de todos os trabalhos x	Salário-hora por anos de estudo dos ocupados x	Anos de estudo dos ocupados x	Horas trabalhadas x	Taxa de ocupação na PEA x	Taxa de participação no mercado de trabalho
Total	2007	690,9	1,1841	2,737	8,3	42,512	0,827	0,731
	1992	525,46	1,1497	3,069	5,944	43,595	0,804	0,714
	Taxa de variação anual (%)	1,84	0,2	-0,76	2,25	-0,17	0,19	0,16

**22 a 29 anos
População total**

Total	2007	530,7	1,0497	1,839	9,583	42,645	0,828	0,813
	1992	431,58	1,0316	2,2	6,9	43,758	0,817	0,77
	Taxa de variação anual (%)	1,39	0,12	-1,19	2,21	-0,17	0,09	0,36

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE.

PNAD e a PME de 2008. Este trajeto cobre a análise dos impactos sobre os salários e a empregabilidade individuais de investimentos em anos a mais de educação, da opção do tipo de profissão a ser exercida, da cidade e do setor de atividade aonde trabalhar. A pesquisa disponibiliza um vasto banco de dados *on line* que permite a cada um perceber como o mercado está valorizando diferentes atributos trabalhistas. A pesquisa propicia ao trabalhador em geral e ao jovem em particular, transformar informações estatísticas em orientação para a tomada de decisão. A pesquisa apresenta dispositivos interativos onde o internauta pode inserir suas características pessoais e obter simulações de como o seu potencial de mercado de trabalho varia de acordo com variáveis como nível educacional (pós-graduação, universitário, médio, etc.), carreira ocupacional (administrativa, engenharia, médica, etc.), setor de atividade (financeiro, petróleo, etc.), características espaciais como Estado, tamanho de cidade além de outros controles individuais como sexo, raça e idade. A pesquisa possibilita ainda, tomando os atributos do trabalhador conjunta ou isoladamente, responder a perguntas simples tais como: Qual é o tipo de ocupação que paga mais? Como um ano a mais de educação impacta o salário percebido no mercado de trabalho? Quais são as localidades onde a possibilidade de ocupação está maior, ou as que estão crescendo mais?

A segunda parte da pesquisa aprofunda a análise dos determinantes decompondo como diferentes atributos individuais e trabalhistas afetam cada um dos principais determinantes que influenciam o rendimento que o indivíduo leva para casa, aí incluindo a jornada de trabalho, a educação, o retorno da educação, o desemprego e a participação no mercado de trabalho. Este exercício de desconstrução visa mapear como decisões individuais impactam cada um destes ingredientes trabalhistas clássicos. Em suma, buscamos nesta pesquisa não subsidiar a decisão de atores governamentais ou não-governamentais, mas informar diretamente ao principal interessado, o jovem, nas suas escolhas acerca da educação e do trabalho. O sítio da pesquisa www.fgv.br/cps/iv oferece amplo banco de dados com dispositivos amigáveis de consulta.

A etapa anterior do presente projeto de pesquisa im-

plementado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (CPS/IBRE/FGV) com o apoio do Instituto Votorantim teve como principal inovação explorar uma atitude mais positiva em relação ao jovem, de enxergá-lo não como um problema em si, mas como parte fundamental da solução dos problemas nacionais e locais. Na fase anterior (www.fgv.br/cps/jovem) comparamos índices de felicidade futura (IFF) entre países, e outros índices associados ao tema juventude, educação e trabalho (IJETs) entre municípios brasileiros. Já a presente pesquisa busca permitir ao jovem brasileiro apreciar as condições de mercado de trabalho a fim de subsidiar a tomada de decisões desde uma perspectiva própria. O objetivo primordial agora é ajudar o jovem a tomar as suas próprias decisões. O sítio da pesquisa www.fgv.br/cps/iv disponibiliza um vasto banco de dados *on-line* que permite a cada um perceber como o mercado está valorizando diferentes atributos trabalhistas. Através de dispositivos interativos, ajuda ao trabalhador transformar informações estatísticas em orientação para a tomada de decisão. A pesquisa foi utilizada como base para a campanha de marketing dos MBAs da FGV. Mal comparando se as duas fases da pesquisa fossem películas de filmes, a anterior teria o ângulo do observador de fora, enquanto na atual o olhar da câmera seria o do próprio jovem. ▣

¹Uma segunda questão relativa à percepção externa dos indivíduos acerca da situação do país em relação ao trabalho. No ranking de percepções externas sobre a importância do esforço no trabalho na ascensão social. O país líder entre aqueles que acreditam na importância do trabalho duro é simbolicamente conhecido pelo nome Gana.

²A vantagem do Censo Demográfico é a abertura de carreiras educacionais em 85 níveis distintos e pela abertura geográfica a nível de municípios e em alguns casos distritos e regiões administrativas. O tamanho da amostra do Censo de mais de 18 milhões de indivíduos permite explorar este grau de desagregação educacional/espacial.

³A variável de maior interesse aqui são as *dummies* interativas entre faixas de educação e anos. Por exemplo, o prêmio para aqueles com pelo menos ensino superior incompleto (12 anos ou mais de estudo) em relação aos sem instrução cai -0,125 no período 2002 a 2007. O nível dos diferenciais são sempre positivos mas caem monotonicamente à medida que caminhamos para níveis mais baixos de educação.